

Reino Mineral

1- Introdução

Concebe-se dividir a natureza em: Seres orgânicos (reino vegetal e reino animal) e seres inorgânicos (reino mineral)

Reino mineral, reino vegetal, reino animal e reino hominal. Que subsídios a Doutrina Espírita oferece-nos para enfrentarmos esta questão? O capítulo XI do Livro Segundo de O Livro dos Espíritos, que trata dos três reinos, oferece-nos alguns ensinamentos muito importantes.

2- Visão de Conjunto

De acordo com os pressupostos espíritas, Deus criou os Espíritos – simples e ignorantes – com a determinação de se tornarem perfeitos. Assim, o progresso do Espírito é sempre compulsório: podemos estacionar por algum tempo, mas os acicates da vida nos impulsionaram para o desenvolvimento ulterior.

Ainda que haja controvérsias, diz-se que o princípio inteligente ou mônada celeste estagia nesses reinos, começando no mineral e indo até o hominal, extraindo de cada um deles os subsídios necessários para a evolução. É por isso que tudo se encadeia na natureza, desde o átomo ao arcanjo.

Para J. H. Pires, “a Ontogênese Espírita, ou seja, a teoria doutrinária da criação dos Seres (do grego: *onto* é Ser; *logia* é estudo, ciência) revela o processo evolutivo a partir do reino mineral até o reino hominal. Essa teoria da evolução é mais audaciosa que a de Darwin. Léon Denis a definiu numa seqüência poética e naturalista: *A alma dorme na pedra, sonha no vegetal, agita-se no animal e acorda no homem*. Entre cada uma dessas fases existe uma zona intermediária, como se pode verificar nos estudos científicos”. (1984, p.93).

A modelação da matéria dos cristais seria, portanto a primeira lição de plasticidade para o princípio inteligente. Após milênios de exercício para o domínio das formas geométricas, o princípio inteligente viria a aliar-se com a energia vital para vivificar a matéria iniciando o primeiro ciclo dos seres vivos, os vegetais.

3- Reino Mineral

Allan Kardec escreve pouco sobre esse reino. Diz-nos que ele é constituído de matéria inerte, e não possui mais do que uma força mecânica. Os minerais não têm vitalidade e nem movimentos próprios, sendo formado apenas pela agregação da matéria. São os chamados seres inorgânicos da natureza. A pedra, por exemplo, não apresenta sinal de vida. Pode-se dizer que o característico básico dessa fase é a **atração**, presenciado claramente no fenômeno do magnetismo.

Na intermediação com o reino vegetal, que lhe vêm a seguir, investigações científicas descobriram a geração espontânea dos vírus nas estruturas cristalinas. Os vírus se situam na encruzilhada dos reinos mineral, vegetal e animal, como uma espécie de ensaio para ordenações futuras.

O seu primeiro passo seria a arregimentação de átomos e moléculas, a fim de propiciar a materialização dos sistemas cristalográficos que caracterizam o reino mineral. O Princípio Espiritual, com seu específico dinamismo, revelará a sua condição, o seu real atributo, pelo princípio de afinidade, traduzido nas forças de atração e coesão a que átomos e moléculas se submetem compulsoriamente. Entretanto, observamos que jamais o acaso, no jogo atômico-molecular, poderá explicar essa organização e a formação cristalográfica, sempre a denotar uma “conduta inteligente”.

Os minerais, formações desta fase, apesar dos mecanismos internos bem dirigidos, são externamente estáticos, caracterizados pela inação. O Princípio Inteligente, nesta faixa, sofreria periodicamente renovações fenomênicas em abandonado as organizações atômicas e moleculares (fase de desfazimento mineral); isto é, voltaria ao seu meio, á organização espiritual da espécie – a chamada alma-grupo, onde concentraria energias, sofreria metabolizações e mesmo se abasteceria, dinamicamente, para novas voltas e orientações dos minerais. Evidentemente, isto já representaria princípios de palingenesia. Nestas idas para as organizações minerais e voltas ao seu meio de origem, haveria sempre aquisições e maturações de sua “substância”. A maturação chegaria a tal ponto de crescimento que o Princípio Inteligente teria que despertar e afirmar-se em posições superiores. O reino vegetal seria a região para onde aquele potente dinamismo se dirigia, a fim de adquirir novos implementos e novas aquisições exigidas pelo grande impulso existente no imo de seu sistema. Neste novo reino. Já existiria algum movimento, não propriamente o da locomoção, porém não seria tão estático e parado quando o da faixa mineral. O crescimento já é bem visível, as oscilações dos caules e folhas ao vento já denotam deslocamentos mais ostensivos. No reino mineral, o princípio inteligente é o responsável pelas manifestações de ordem, como a regularidade molecular dos cristais.

Reino Vegetal

1- Introdução

Concebe-se dividir a natureza em: Seres orgânicos (reino vegetal e reino animal) e seres inorgânicos (reino mineral)

Reino mineral, reino vegetal, reino animal e reino hominal. Que subsídios a Doutrina Espírita oferece-nos para enfrentarmos esta questão? O capítulo XI do Livro Segundo de O Livro dos Espíritos, que trata dos três reinos, oferece-nos alguns ensinamentos muito importantes.

2- Visão de Conjunto

De acordo com os pressupostos espíritas, Deus criou os Espíritos – simples e ignorantes – com a determinação de se tornarem perfeitos. Assim, o progresso do Espírito é sempre compulsório: podemos estacionar por algum tempo, mas os acicates da vida nos impulsionaram para o desenvolvimento ulterior.

Ainda que haja controvérsias, diz-se que o princípio inteligente ou mônada celeste estagia nesses reinos, começando no mineral e indo até o hominal, extraindo de cada um deles os subsídios necessários para a evolução. É por isso que tudo se encadeia na natureza, desde o átomo ao arcanjo.

Para J. H. Pires, “a Ontogênese Espírita, ou seja, a teoria doutrinária da criação dos Seres (do grego: *onto* é Ser; *logia* é estudo, ciência) revela o processo evolutivo a partir do reino mineral até o reino hominal. Essa teoria da evolução é mais audaciosa que a de Darwin. Léon Denis a definiu numa seqüência poética e naturalista: *A alma dorme na pedra, sonha no vegetal, agita-se no animal e acorda no homem*. Entre cada uma dessas fases existe uma zona intermediária, como se pode verificar nos estudos científicos”. (1984, p.93).

A modelação da matéria dos cristais seria, portanto a primeira lição de plasticidade para o princípio inteligente. Após milênios de exercício para o domínio das formas geométricas, o princípio inteligente viria a aliar-se com a energia vital para vivificar a matéria iniciando o primeiro ciclo dos seres vivos, os vegetais.

3- Reino Vegetal

As plantas, compostas de matéria inerte, são dotadas de vitalidade. Elas não pensam, não têm mais do que a vida orgânica. Podem ser afetadas por ações sobre a matéria, mas não têm percepções; por conseguinte, não têm a sensação de dor. Como não pensam, não podem ter vontade, e não têm consciência de si mesma; nada mais possuem que um instinto natural e cego, próprio instinto de conservação é puramente mecânico.

O característico básico dessa fase é a **sensação**.

Nesta nova fase, o Princípio Espiritual estaria movimentando organizações materiais mais evoluídas, não só atômicas e moleculares as expensas do princípio de afinidade, mas, também, elemento celulares apresentando “reações aos estímulos” pela existência da nova aquisição revelada no princípio de sensibilidade. Com isso, a organização espiritual dessa fase, além do princípio de afinidade já adquirido, possuiria, também, sensibilidade, que não deverá ser confundida com a sensibilidade comum registrada pelos sentidos animais.

Como na fase anterior (mineral), nesta segunda fase, a vegetal, o Princípio Espiritual sofreria inúmeras e periódicas renovações pela lei palingenética. Em cada volta ao seio da alma-grupo, ganharia aquisições, reconstruções e, no seu mergulho na matéria vegetal, avançaria elaborando sempre novos mecanismos. É claro que os fatores do meio cooperariam imensamente, propiciando condições e enriquecendo o “Princípio da vida”. Será interessante lembrar, por oportuno, que todas essas fases se dariam em tempos imensos, onde os milênios se escoariam até a maturação do processo.

O Princípio espiritual, maturado e elaborado no reino vegetal em épocas incontáveis, teria que despertar em novas posições como exigências de seu íntimo impulso, impulso que nunca se deterá pela natureza específica e superior de sua “criação cósmica”. Assim, o Princípio Espiritual buscará novo degrau evolutivo para afirmações, manifestando-se no reino animal.

Reino Animal

1- Introdução

Concebe-se dividir a natureza em: Seres orgânicos (reino vegetal e reino animal) e seres inorgânicos (reino mineral)

Reino mineral, reino vegetal, reino animal e reino hominal. Que subsídios a Doutrina Espírita oferece-nos para enfrentarmos esta questão? O capítulo XI do Livro Segundo de O Livro dos Espíritos, que trata dos três reinos, oferece-nos alguns ensinamentos muito importantes.

2- Visão de Conjunto

De acordo com os pressupostos espíritas, Deus criou os Espíritos – simples e ignorantes – com a determinação de se tornarem perfeitos. Assim, o progresso do Espírito é sempre compulsório: podemos estacionar por algum tempo, mas os acicates da vida nos impulsionaram para o desenvolvimento ulterior.

Ainda que haja controvérsias, diz-se que o princípio inteligente ou mônada celeste estagia nesses reinos, começando no mineral e indo até o hominal, extraindo de cada um deles os subsídios necessários para a evolução. É por isso que tudo se encadeia na natureza, desde o átomo ao arcanjo.

Para J. H. Pires, “a Ontogênese Espírita, ou seja, a teoria doutrinária da criação dos Seres (do grego: *onto* é Ser; *logia* é estudo, ciência) revela o processo evolutivo a partir do reino mineral até o reino hominal. Essa teoria da evolução é mais audaciosa que a de Darwin. Léon Denis a definiu numa seqüência poética e naturalista: *A alma dorme na pedra, sonha no vegetal, agita-se no animal e acorda no homem*. Entre cada uma dessas fases existe uma zona intermediária, como se pode verificar nos estudos científicos”. (1984, p.93).

A modelação da matéria dos cristais seria, portanto a primeira lição de plasticidade para o princípio inteligente. Após milênios de exercício para o domínio das formas geométricas, o princípio inteligente viria a aliar-se com a energia vital para vivificar a matéria iniciando o primeiro ciclo dos seres vivos, os vegetais.

3 - Reino Animal

Os animais, constituídos de matéria inerte e dotados de vitalidade, têm uma espécie de inteligência extintiva, limitada, com a consciência de sua existência e de sua individualidade. Eles não agem só por instinto. Além do instinto, não poderia negar a certos animais a prática de certos atos combinados, que denotam a vontade de agir num sentido determinado e de acordo com as circunstâncias. Há neles, portanto, uma espécie de inteligência, mas cujo exercício é mais precisamente concentrado sobre os meios de satisfazer às necessidades físicas e prover à conservação. Não há entre eles nenhuma criação, nenhum melhoramento; qualquer que seja a arte que admiremos em seus trabalhos, aquilo que faziam antigamente é o mesmo que fazem hoje. O João de Barro, por exemplo, constrói o seu ninho sempre da mesma maneira.

Pergunta 595 de O Livro dos Espíritos – Os animais têm livre arbítrio?

Os animais não são simples máquinas, mas sua liberdade de ação é limitada pelas suas necessidades, e não pode ser comparada à do homem. Sendo muito inferiores a este, não tem os mesmos deveres. Sua liberdade é restrita aos atos da vida material. A sua escolha é mecânica, por instinto.

Na comparação do homem ao animal, Allan Kardec na pergunta 597(a) L.E. “É também uma alma, se quiserdes, *dependendo isto do sentido que se der a esta palavra*. É, porém, inferior à do homem. Há entre a alma dos animais e a do homem distância equivalente à que medeia entre a alma do homem e Deus”. A característica principal dessa fase é a elaboração do instinto. Na zona de intermediação entre o reino animal e o reino hominal estão situados os antropóides.

4- O Instinto

O instinto é a força oculta que solicita aos seres orgânicos a atos espontâneos e involuntários, tendo em vista a conservação deles. Nos atos instintivos não há reflexão, nem combinação, nem premeditação. É assim que a planta procura o ar, se volta para a luz, dirige

suas raízes para a água e para a terra nutriente; que a flor se abre e fecha alternativamente, conforme se lhe faz necessário; que as plantas trepadeiras se enroscam em torno daquilo que lhes serve de apoio, ou se lhe agarram com as gavinhas. É pelo instinto que os animais são avisados do que lhes convém ou prejudica; que buscam, conforme a estação, os climas propícios; que constroem, sem ensino prévio, com mais ou menos arte, segundo as espécies, leitões macios e abrigos para as suas progênes, amadilhas para apanhar a presa de que se nutrem; que manejam destramente as armas ofensivas e defensivas de que são providos; que os sexos se aproximam; que a mãe choca os filhos e que estes procuram o seio materno. No homem, só em começo da vida o instinto domina com exclusividade; é por instinto que a criança faz os primeiros movimentos, que toma o alimento, que grita para exprimir as suas necessidades, que imita o som da voz, que tenta falar e andar. No próprio adulto, certos atos são instintivos, tais como os movimentos espontâneos para evitar um risco, para fugir a um perigo, para manter o equilíbrio do corpo; tais ainda o piscar das pálpebras para moderar o brilho da luz, o abrir maquinal da boca para respirar, etc.

5- A Inteligência (GE)

A inteligência se revela por atos voluntários, refletidos, premeditados, combinados, de acordo com a oportunidade das circunstâncias. É incontestavelmente um atributo exclusivo da alma. Todo ato maquinal é instintivo; o ato que denota reflexão, combinação, deliberação é inteligente. Um é livre, o outro não o é. O instinto é guia seguro, que nunca se engana; a inteligência, pelo simples fato de ser livre, está, por vezes, sujeita a errar.

Ao ato instintivo falta o caráter do ato inteligente; revela, entretanto, uma causa inteligente, essencialmente apta a prever. Se se admitir que o instinto procede da matéria, ter-se-á de admitir que a matéria é inteligente, até mesmo bem mais inteligente que a alma, pois que o instinto não se engana, ao passo que a inteligência se equivoca.

Se se considerar o instinto uma inteligência rudimentar, como se há de explicar que, em certos casos, seja superior à inteligência que raciocina? Como explicar que torne possível se execute atos que esta não pode realizar?

Se ele é atributo de um princípio espiritual de especial natureza, qual vem a ser esse princípio? Pois que o instinto se apaga, dar-se-á que esse princípio se destrua? Se os animais são dotados apenas de instinto, não tem solução o destino deles e nenhuma compensação os seus sofrimentos, o que não estaria de acordo nem com a justiça, nem com a bondade de Deus. (Cap. II, 19.).

6- Instinto e Inteligência (GE)

Segundo outros sistemas, o instinto e a inteligência procederiam de um único princípio. Chegado a certo grau de desenvolvimento, esse princípio, que primeiramente apenas tivera as qualidades do instinto, passaria por uma transformação que lhe daria as da inteligência livre.

Se fosse assim, no homem inteligente que perde a razão e entra a ser guiado exclusivamente pelo instinto, a inteligência voltaria ao seu estado primitivo e, quando o homem recobrasse a razão, o instinto se tornaria inteligência e assim alternativamente, a cada acesso, o que não é admissível.

Aliás, é freqüente o instinto e a inteligência se revelarem simultaneamente no mesmo ato. No caminhar, por exemplo, o movimento das pernas é instintivo; o homem põe maquinalmente um pé à frente do outro, sem nisso pensar; quando, porém, ele quer acelerar ou demorar o passo, levantar o pé ou desviar-se de um tropeço há cálculo, combinação; ele age com deliberado propósito. A impulsão involuntária do movimento é o ato instintivo; a calculada direção do movimento é o ato inteligente. O animal carnívoro é impelido pelo instinto agente e providente do que a se alimentar de carne, mas as precauções que tomam e que variam conforme as circunstâncias, para segurar a presa, a sua previdência das eventualidades são atos da inteligência.

Reino Hominal

1- Introdução

Concebe-se dividir a natureza em: Seres orgânicos (reino vegetal e reino animal) e seres inorgânicos (reino mineral)

Reino mineral, reino vegetal, reino animal e reino hominal. Que subsídios a Doutrina Espírita oferece-nos para enfrentarmos esta questão? O capítulo XI do Livro Segundo de O Livro dos Espíritos, que trata dos três reinos, oferece-nos alguns ensinamentos muito importantes.

2- Visão de Conjunto

De acordo com os pressupostos espíritas, Deus criou os Espíritos – simples e ignorantes – com a determinação de se tornarem perfeitos. Assim, o progresso do Espírito é sempre compulsório: podemos estacionar por algum tempo, mas os acicates da vida nos impulsionaram para o desenvolvimento ulterior.

Ainda que haja controvérsias, diz-se que o princípio inteligente ou mônada celeste estagia nesses reinos, começando no mineral e indo até o hominal, extraindo de cada um deles os subsídios necessários para a evolução. É por isso que tudo se encadeia na natureza, desde o átomo ao arcanjo.

Para J. H. Pires, “a Ontogênese Espírita, ou seja, a teoria doutrinária da criação dos Seres (do grego: *onto* é Ser; *logia* é estudo, ciência) revela o processo evolutivo a partir do reino mineral até o reino hominal. Essa teoria da evolução é mais audaciosa que a de Darwin. Léon Denis a definiu numa seqüência poética e naturalista: *A alma dorme na pedra, sonha no vegetal, agita-se no animal e acorda no homem*. Entre cada uma dessas fases existe uma zona intermediária, como se pode verificar nos estudos científicos”. (1984, p.93).

A modelação da matéria dos cristais seria, portanto a primeira lição de plasticidade para o princípio inteligente. Após milênios de exercício para o domínio das formas geométricas, o princípio inteligente viria a aliar-se com a energia vital para vivificar a matéria iniciando o primeiro ciclo dos seres vivos, os vegetais.

3- Reino Hominal

O homem, tendo tudo o que existe nas plantas e nos animais, domina todas as outras classes por uma inteligência especial, ilimitada que lhe dá a consciência do seu futuro, a percepção das coisas extra materiais e o conhecimento de Deus.

André Luiz em *Evolução em Dois Mundos* cita que o princípio inteligente estagiando na ameba adquire os primeiros automatismos do **tato**; nos animais aquáticos, o **olfato**; nas plantas, o **gosto**; nos animais, a **linguagem**.

Hoje somos o resultado de todos os automatismos adquiridos nos vários reinos da natureza. Assim, no reino mineral adquirimos a **atração**; no reino vegetal, a **sensação**; no reino animal, o **instinto**; no reino hominal, o **livre-arbítrio**, o **pensamento contínuo** e a **razão**.

Diz ainda que “nas linhas da civilização o reflexo precede o instinto, este à atividade refletida, esta á inteligência, esta, por sua vez, á razão e, finalmente, esta á responsabilidade”. A característica principal deste reino, como uma síntese de todos os anteriores, é o aparecimento do **Pensamento Contínuo, do Livre-Arbítrio e da responsabilidade Moral**.

O homem é um ser à parte. O espírito, encarnando-se no homem, transmite-lhe o princípio intelectual e moral, que o torna superior aos animais. O Espírito ao se purificar se liberta pouco a pouco da influência da matéria.

4- Desenvolvimento da Razão

O horizonte profético assinalou a fase culminante de desenvolvimento da **razão**. Já tivemos ocasião de estudar os motivos dessa ocorrência, no vasto período histórico que vai do IX ao III século antes de Cristo, segundo a teoria de John Murphi. Resta-nos apreciar a maneira por que a **razão** vai progressivamente impondo os seus direitos, até conquistar a supremacia necessária, para libertar o espírito humano dos liames terríveis do passado.

Podemos observar com segurança o vigoroso surto da **razão** no horizonte profético, a começar da própria agitação profética na palestina. Os conquistadores de Canaã carregavam no espírito a herança das civilizações Mesopotâmica e Egípcia. Os gemes da **razão** estavam bem desenvolvidos naquelas mentes inquietas, que procuravam construir um novo mundo para si mesmo e anunciar aos demais povos o advento de uma nova ordem.

Mas foram os profetas de Israel os corifeus (indivíduos principais de uma classe), desse movimento renovador, que levantando sua voz contra o apego aos velhos hábitos, quer anunciando com insistência a aproximação dos novos tempos.

A reforma grega do Orfismo pelo Pitagorismo, a reforma indiana do Hinduísmo pelo Budismo, a reforma Chinesa Do Taoísmo pelo Confucionismo, e a reforma Síria do Judaísmo pelo advento mundial, no horizonte profético, da era da **razão**. Pitágoras é o primeiro a ensaiar, na Grécia do século sexto, e no mundo inteiro, a união do pensamento místico ao racional. E a partir dos pitagóricos, o grande drama da evolução humana, durante milênios, se desenvolverá nesse plano; a luta pela racionalização da fé.

O horizonte profético se encerra com o predomínio da **razão**. Ao contrário do que se costuma dizer, a **razão** não aparece como exclusivamente grega, não obstante a contribuição da Grécia seja a mais decisiva para seu desenvolvimento. Encontramos como já vimos acima, o florescimento da **razão** ao longo de todo o horizonte profético, prenunciando a supremacia mundial que ela deverá assumir, com o advento do horizonte espiritual. Mas haverá ainda uma grande fase histórica de reação, de luta profunda e morosa, entre a **razão** e a fé, embora aquela tenha de sair triunfante. (O Espírito e o Tempo J. Herculano Pires pg. 71).

Consciência é um pensamento íntimo, que pertence ao homem, como todos os outros pensamentos. (L.E. Q. 494).

Sendo a **consciência** uma conquista do Espírito e não uma secreção neuronal, tal conhecimento altera o quadro da responsabilidade do ser perante ele próprio, a vida e a humanidade, porquanto lhe confere o discernimento, a lucidez, a livre opção para agir. (Dias Gloriosos pg. 74 Divaldo P. Franco).

5- Incursão na Consciência

Remontando-se à origem da vida nos seus mais remotos passos, encontra-se a presença do psiquismo originando em Deus, aglutinando moléculas e estabelecendo a ordem que se consubstanciou na realidade do ser pensante.

Etapa a etapa, através dos vários reinos, essa **consciência** embrionária desdobrou os gemes da lucidez latente até ganhar o discernimento vasto, **plenificador**.

À medida que a complexidade de valores se torna unificada na sua atualidade, surgem no comportamento do indivíduo, por atavismo das experiências anteriores, os conflitos e os distúrbios que respondem na área psicológica pelos muitos problemas que o afligem.

Faz-se então indispensável, ao adquirir-se o conhecimento de Si, o aprofundamento da busca da sua realidade, deslindando os complicados mecanismos viciosos que impedem a marcha ascensional e não o levam à realização total.

Os impulsos orgânicos propelem sempre para a comodidade, a satisfação dos instintos, o imediatismo do prazer, a prejuízo da meta essencial: a libertação dos processos determinantes dos renascimentos carnis, que são as paixões primitivas.

À medida que a responsabilidade se lhe apossou do espírito, iluminou-se a consciência do homem.

A centelha da razão converter-se-á em chama divina.

A inteligência humana entendeu a grandeza do Universo e compreendeu a própria humanidade reconhecendo em suas entranhas a idéia inalienável de Deus.

Conduzindo-se, então, de modo racional, experimentou profundas transformações.

O conhecimento religioso, baseado na justiça Cósmica, generaliza-se no âmago das nações, porquanto, através da mensagem de Moisés, informa-se o homem comum de que, perante Deus, o Senhor do Universo e da Vida, é obrigado a respeitar o direito dos semelhantes para que seja igualmente respeitado, reconhecendo que ele e o próximo são irmãos entre si, filho de um Pai que é amoroso e bom e que dará a cada um segundo as suas obras.

Sob a autoridade moral do Cristo, o ser humano é guiado na sua busca pela conquista da felicidade plena. Um dia, Deus, em sua inesgotável caridade, permitiu que o homem visse a verdade varar as trevas. Esse dia foi o do advento do Cristo. (Alan Kardec: E.S.E. Cap1, item 10).

Faz-se necessário perseverar no desenvolvimento do senso moral a fim de que o desejo de melhoria espiritual se transforme em ações efetivas, porque neste contexto, o conhecimento nem sempre é suficiente.

Andar com Jesus é, portanto, decisão séria, pessoal, intransferível. Se erguida sobre o alicerce do discernimento, aprendemos a conciliar as expectativas da vida no plano físico com as necessidades de melhoria espiritual.

Conhecer-se a si mesmo para se tornar livre e encontrar o caminho para Deus.

Ensinou-nos Jesus: Amaras, teu Deus, de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento. Este é o primeiro e grande mandamento. E o segundo igual a este; amarás o teu próximo como a ti mesmo. Mateus, 22: 37 39.

A Doutrina Espírita trouxe uma contribuição muito grande para a transformação moral da humanidade ou para aquisição das virtudes.

O Espiritismo realiza como ficou demonstrado (cap. 1, nº 30), todas as condições do Consolador que Jesus prometeu. Não é uma doutrina individual, nem de concepção humana; ninguém pode dizer-se seu criador. É fruto do ensino coletivo dos Espíritos, ensino a que preside o Espírito de Verdade. Nada suprime do Evangelho: antes o completa e elucidada. Com o auxílio das novas leis que revela, conjugadas essas leis às que a Ciência já descobrira, faz se compreenda o que era ininteligível e se admita a possibilidade daquilo que a incredulidade considerava inadmissível. Teve precursores e profetas, que lhe pressentiram a vinda. Pela sua força moralizadora, ele prepara o reinado do bem na Terra. (GE. Cap. 17 Item 40).

O progresso da Humanidade se cumpre, pois, em virtude de uma lei. Ora, como todas as leis da Natureza são obra eterna da sabedoria e da presciência divinas, tudo o que é efeito dessas leis resulta da vontade de Deus, não de uma vontade accidental e caprichosa, mas de uma vontade imutável.

Deus, pois, vela incessantemente pela execução de suas leis e os Espíritos que povoam o espaço são seus ministros, encarregados de atender aos pormenores, dentro de atribuições que correspondem ao grau de adiantamento que tenham alcançado.

Os homens, com a sua inteligência chegaram a resultados que jamais haviam alcançado, sob o ponto de vista das ciências, das artes e do bem-estar material. Resta-lhes ainda um imenso progresso a realizar: o de fazerem que entre si reinem a caridade, a fraternidade, a solidariedade, que lhes assegurem o bem-estar moral.

Já não é somente de desenvolver a inteligência o de que os homens necessitam, mas de elevar o sentimento e, para isso, faz-se preciso destruir tudo o que super excite neles o egoísmo e o orgulho.

SUBSÍDIOS PARA OS FACILITADORES

Conclusão

Fomos criados simples e ignorantes, mas destinados à perfeição. A Lei da Evolução rege todos os seres e todas as coisas. Para que o princípio inteligente possa evoluir, ele necessita ingressar na matéria e interagir com ela. O percurso evolutivo, do átomo ao arcanjo, é imenso, impossível de ser percorrido em uma única existência.

Estamos, talvez, a meio caminho na senda evolutiva. Se, por um lado, nos sabemos ainda longe da perfeição, muito longe também estamos dos seres mais simples que habitam nosso planeta. Já fizemos conquistas importantes e, tendo-as feito, é mister que saibamos fazer delas o melhor uso. Possuímos consciência moral e raciocínio maduro, sendo, também, dotados de livre-arbítrio.

Empenhemo-nos, portanto, tanto quanto nos seja possível, na reforma íntima. Busquemos, a cada dia, sermos uma pessoa melhor que no dia anterior. Ao final de cada dia, ao término de cada ação, ao concluirmos cada comentário, saibamos nos calar e refletir sobre o que dissermos sobre o que pensamos sobre o que fizemos. Analisando continuamente nossos pensamentos, palavras e obras, disciplinaremos nossa conduta para torná-la uma conduta verdadeiramente espírita, uma conduta verdadeiramente cristã.

A evolução não é uma corrida de obstáculos, sequer uma corrida é. No entanto, que a constatação de que temos a eternidade para evoluir não sirva para nos amolecer o ânimo, mas, antes, como estímulo para acelerarmos a marcha, de modo a podermos ajudar aqueles que ficaram para trás, praticando, desse modo, a verdadeira caridade cristã.

Na atualidade, os espíritas admitem que o princípio inteligente evolui a partir das formas mais simples de existência. Nestas formas rudimentares ele começa a aprender a se relacionar com a matéria e aos poucos vai assenhorando-se da capacidade de organizar corpos, mas complexos, começa talvez pelas bactérias e seres unicelulares; de seres unicelulares progride aos vegetais; dos vegetais aos primeiros animais; destes animais simples aos animais superiores, dotados de instintos desenvolvidos e rudimentos de inteligência; dos animais mais inteligentes aos primatas ancestrais do homem; dos primatas ao homem moderno. Milênios infindáveis de evolução, nos dois planos de existência - material e espiritual - e em quantos mundos forem necessários.

Durante esta evolução o desenvolvimento do perispírito acompanha a complexidade dos organismos, influenciando o processo de reencarnação e sendo por ele influenciado. É um dos mecanismos por detrás do processo de seleção natural e de evolução das espécies, estudado pelo seu lado puramente material por Charles Darwin.

O livro "The Origin of the Species", de Darwin, que consagrou cientificamente a teoria da evolução biológica das espécies, foi publicado em novembro de 1859, depois do "O Livro dos Espíritos" e provocou um grande abalo na opinião pública. A resistência enfrentada pelas novas teorias, principalmente no tocante a descendência

biológica do homem a partir dos primatas, permite entender a cautela com que os Espíritos trataram a questão da evolução espiritual na época de Kardec. Assim restringiram-se a detalhar o progresso do Espírito a partir do momento em que, atingido o estágio humano, ele sem maiores conhecimentos do bem e do mal - simples e ignorante - começa a exercer escolhas que determinaram seu passo rumo ao futuro.

Desta maneira, a expressão "simples e ignorante" como uma descrição qualitativa do estado do espírito no início do seu processo de desenvolvimento humano, quando cruzou a fronteira entre o animal e o homem. Também pode ser entendido, e neste sentido utilizei no texto, como o "simples" das formas primitivas de vida e o "ignorante" da ausência completa de qualquer sofisticação da inteligência - seja na forma de controle da organização biológica, seja instintos seja a "inteligência" humana propriamente dita.

É um grande mistério o início desta escala de evolução, pois como os espíritos disseram ao final da resposta para a questão 540, *"é assim que tudo serve tudo se encadeia na Natureza, desde o átomo primitivo até o arcanjo, pois ele mesmo começou pelo átomo. Admirável lei de harmonia, de que seus Espíritos limitados não podem abranger o conjunto"*. Tal resposta deixa entrever a possibilidade de que por detrás da organização da matéria, da energia tão bem estruturada em partículas elementares sob as leis da natureza, possa já estar atuando o princípio inteligente em seus primórdios. Na mesma linha de raciocínio, Ernesto Bozanno, cita em seu livro "Os Animais tem Alma", um pequeno trecho de uma obra mediúnica: *O gás se mineraliza, O mineral se vegetaliza, O vegetal se humaniza, O homem se diviniza.* (Old Truth in New Light, Lady Cathness)

Por toda a linha de evolução, o processo é progressivo. Um espírito que atingiu o nível evolutivo suficiente para nascer no reino animal, não tem mais necessidade ou possibilidade de nascer em um vegetal. Da mesma maneira, o espírito que atingiu o nível dos primeiros primatas não volta ao animal. Finalmente, o homem moderno não teria como reencarnar no Australopitéco. A própria sofisticação do perispírito - definido por Hernani Guimarães Andrade como um modelo organizador biológico (vide seu livro Espírito, Perispírito e Alma), por conduzir os processos reencarnatórios, selecionando a bagagem genética e integrando-a as necessidades karmicas do espírito - tornaria impossível tal reencarnação. O "homo sapiens" de nossos dias, só pode reencarnar como "homo sapiens", ou, caso tenha a necessidade de reencarnar em outros mundos, em um ser com uma organização nervosa equivalente em sofisticação. Mesmo em um desterro a mundo mais atrasado, o ser até nasceria em um homínídeo primitivo culturalmente, mais ainda assim, que reunisse as condições nervosas necessárias.

Esta posição filosófica - distinta da adotada pela metempsicose grega e pelo Budismo - de que o **ser humano** sempre reencarna como **ser humano**, justifica as respostas dos Espíritos as questões 592 a 610 (Os animais e o homem), em que apresentam os animais como seres distintos dos homens. Estas questões, que levaram muitos espíritas a negar a continuidade espiritual entre os reinos da natureza, podem ser entendidas perfeitamente se considerada também a resposta a questão 611: *"Duas coisas podem ter uma mesma origem e absolutamente não se assemelham mais tarde. Quem reconheceria a árvore, suas folhas, suas flores e seus frutos no germe informe contido na semente de onde saíram? No momento em*

que o princípio inteligente atinge o grau necessário para ser Espírito e entrar no período de humanidade, não há mais relação com seu estado primitivo e não é mais a alma dos animais, como a árvore não é a semente. No homem, há somente de animal o corpo, as paixões que nascem da influência do corpo e o instinto de conservação inerente à matéria. Não se pode dizer, portanto, que tal homem é a encarnação do Espírito de tal animal; logo a metempsicose, tal como a entendem, não é exata."

Apesar da clareza desta resposta, foram necessários muitos anos para que se formasse o consenso em torno da questão. Pouco depois da época de Kardec, eminentes pesquisadores como Ernesto Bozzano (vide seu livro "Os Animais tem alma?") e Gabriel Delanne, (vide seu livro "A reencarnação") apresentaram provas inquestionáveis de que os animais tinham alma (espírito encarnado), que sobrevive a desencarnação tal qual a alma humana. Mais ainda, da mesma maneira, reencarnam e evoluem segundo as mesmas leis do progresso e de ação e reação.

Nas últimas décadas, principalmente com a obra mediúnica de Francisco Cândido Xavier - veja-se, por exemplo, o livro "Evolução em Dois Mundos" do espírito André Luiz - a resistência a idéia praticamente desapareceu e hoje já é amplamente aceito que não há seres privilegiados na criação.

"Evolução no Tempo: *É assim que dos organismos monocelulares aos organismos complexos, em que a inteligência disciplina as células, colocando-as a seu serviço, o ser viaja no rumo da elevada destinação que lhe foi traçada do Plano Superior, tecendo com os fios da experiência a túnica da própria exteriorização, segundo o molde mental que traz consigo, dentro das leis de ação, reação e renovação em que mecaniza as próprias aquisições, desde o estímulo nervoso à defensiva imunológica, construindo o centro coronário, no próprio cérebro, através da reflexão automática de sensações e impressões, em milhões e milhões de anos, pelo qual, com o Auxílio das Potências Sublimes que lhe orientam a marcha, configura os demais centros energéticos do mundo íntimo, visando na tessitura da própria alma.*

Contudo, para alcançar a idade da razão, com o título de homem, dotado de raciocínio e discernimento, o ser, automatizado em seus impulsos, a romagem para o reino angélico, dispendeu para chegar aos primórdios da época quaternária, em que a civilização elementar do sílex denuncia algum primor de técnica, nada menos de um bilhão e meio de anos. Isso é perfeitamente verificável na desintegração natural de certos elementos radioativos na massa geológica do Globo. E entendendo-se que a Civilização aludida floresceu a mais ou menos duzentos mil anos, preparando o homem, com a benção do Cristo, para a responsabilidade, somos induzidos a reconhecer o caráter recente dos conhecimentos psicológicos, destinados a automatizar na constituição fisiopsicossomática do espírito humano as aquisições morais que lhe habilitarão a consciência terrestre a mais amplo degrau de ascensão à Consciência Cósmica" André Luiz, no livro Evolução em Dois Mundos.